



EDIÇÃO 15 – 1º SEMESTRE DE 2013
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 30/06/2013
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/07/2013



TEORIA DA EXPERIÊNCIA, CONTRIBUIÇÕES DE DEWEY PARA A FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO.

Laércio de Jesus Café^{1**}.

RESUMO

O método de investigação pragmático de John Dewey incluso em uma teoria experimental educacional reflete a importância da experiência para a condição humana na formação de uma cultura democrática. Estes valores democráticos são fundados nas potencialidades do conhecimento, autonomia do pensamento e liberdade. Por meio da razoabilidade, Dewey apresenta a experiência educativa como componente essencial para a formação integral da vida de cada indivíduo-social.

Palavras - chave: Teoria da Experiência, Filosofia da Educação, Educação Social, John Dewey,

ABSTRACT

The research method pragmatist John Dewey's theory included in a trial reflects the importance of the educational experience for the human condition in the formation of a democratic culture. These values are founded on the democratic potential of knowledge, autonomy and freedom of thought. Through reasonableness, Dewey presents the educational experience as an essential component for the formation of the life of every individual and social.

Keywords - Keywords: Experience Theory, Philosophy of Education, Social Education, John Dewey.

INTRODUÇÃO

Ao organizar a educação como experiência que envolve o aprendiz, no processo de aprendizagem e ao analisar a educação "tradicional" e "progressiva", apontada por Dewey, refletiremos brevemente, não como foco principal, a influência que John Dewey teve na educação brasileira, a partir de seus comentadores, principalmente Anísio Teixeira, que criou uma pedagogia de raízes deweyana. Finalizaremos, apontando os dois princípios educacionais, continuação e interação, citados por Dewey, que levam a uma verdadeira filosofia da experiência.

As reflexões filosóficas educacionais de John Dewey caminham, por lados e modos diferentes de muitos que trabalham com a educação. A reflexão que Dewey faz sobre a educação é uma constante procura de se

^{**}Licenciado em Filosofia pela Universidade Católica Dom Bosco (UCDB) 2005-2008. Especialista em Língua Portuguesa e Literaturas em Língua Portuguesa pela Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT). 2009-2010. Atualmente, Professor Interino da Secretaria de Educação do Estado de Mato Grosso; Professor Efetivo da Secretaria de Educação do Estado de Minas Gerais e Tutor, bolsista, da Universidade Aberta do Brasil, juntamente com a Universidade do Estado de Mato Grosso, curso de Administração Pública, pólo de Alto Araguaia.



EDIÇÃO 15 – 1º SEMESTRE DE 2013
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 30/06/2013
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/07/2013



conhecerem os fundamentos que clareiam e determinam a vida, no caminho de se educar, perante a continuidade e a diversidade entre os seres humanos. Assim, a educação passa ser aquela que ajuda a nortear a vida entre os seres conscientes e sociais (DEWEY, 1979a, p. 2).

A continuidade da vida física tem seu sentido na adaptação progressiva do meio às modificações do organismo, correspondendo às necessidades do homem, ou seja, rompendo uma vida, ou nascendo outra. Sempre haverá um meio, sendo modificado, segundo a necessidade do indivíduo. O novo é uma procura de ter marcas mais fortes, no aparato experimental, no que se refere à construção de uma cultura, porque ela terá “a continuidade de toda a experiência, por efeito da renovação do agrupamento social” (DEWEY, 1979a, p. 2).

EDUCAÇÃO COMO VIDA E EXPERIÊNCIA

Segundo o dicionário de filosofia de Nicola Abbagnano², educação³ vem do latim *Educatio* que significa uma,

[...] transmissão e o aprendizado das técnicas *culturais*, que são as técnicas de uso, produção e comportamento, mediante as quais um grupo de homens é capaz de satisfazer suas necessidades, proteger-se contra a hostilidade do ambiente físico e biológico e trabalhar em conjunto, de modo mais ou menos ordenado e pacífico (ABBAGNANO, 2003, p. 305).

Podemos observar que há duas formas de se compreender a educação. A primeira veio das sociedades primitivas, principalmente, as que detinham um caráter moral e religioso, consistindo em técnicas de transmissão de crenças sagradas para as crianças. A segunda é uma técnica que aperfeiçoa o indivíduo, por meio de uma formação e amadurecimento de sua cultura (ABBAGNANO, 2003, p. 306).

Para Dewey a educação é considerada o instrumento que dá a continuidade à vida, que ajuda o homem a enfrentar as dificuldades da vida, no intuito de superá-las tanto no meio como na sociedade, para manter um bem estar. Com o desenvolver da sociedade, observava-se que, antes, os ideais e costumes, mensurados pela sociedade, giravam em torno dos mais velhos, considerados como os detentores de grande sabedoria. Agora, não desprezando a experiência de vida dos mais velhos, a educação habilitou este esforço a pessoas que passam por todo um itinerário formativo e a cada indivíduo que vai de encontro à cultura. Essa educação prioriza muito a continuidade social do grupo que fundamenta o educar como questão essencial.

Com o progresso da civilização, aumenta a distância entre a capacidade originária do imaturo e os ideais e costumes dos mais velhos. Para reproduzir-se a vida do grupo já não bastam o simples crescimento físico e a consecução dos meios de subsistência.

² Dicionário que traz considerações e citações de textos fundamentados da tradição filosófica ocidental.

³ A educação que surgiu primeiro na Grécia, mas conhecida como *Paidéia*, que significava a transmissão de uma cultura ou determinado modo de agir para as crianças. Posteriormente foi cunhado o termo de educação.



EDIÇÃO 15 – 1º SEMESTRE DE 2013
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 30/06/2013
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/07/2013



Requer-se esforço deliberado e árdua reflexão. Os seres que nasceram não só são inscientes dos objetivos de seu grupo, como também completamente indiferentes a esse respeito, precisam conhecê-los e interessar-se ativamente pelos mesmos (DEWEY, 1979a, p. 3).

A vida, em sociedade, existe devido à transmissão de “ideais, esperanças, expectativas, objetivos, opiniões, entre os membros da sociedade [...]” (DEWEY, 1979a, p. 3).

Refletindo sobre os fatores democráticos, Dewey comenta que os indivíduos vivem em comunidade por terem coisas, objetos, crenças, conhecimento e outros dispostos em comum. A comunicação e a transmissão são outros meios pelos quais todos têm as coisas em comum, devido à compreensão intelectual e emotiva com a finalidade de realização de todos. Mas a sociedade não é, totalmente, constituída por pessoas que desejam o bem estar de todos. Dentro da sociedade existem também pessoas que têm relações consideradas ainda não sociais, que usam outras pessoas para obter resultados vantajosos e rompem com o conceito de que todos vivem para uma finalidade comum (DEWEY, 1979a, p. 4-5).

Em alguns grupos, o interesse comunicativo estabelecido entre os indivíduos é considerado, por Dewey, um dos principais fatores educativos, por adquirir ampla e variada experiência na transmissão de conhecimento, bem como na experiência individual da pessoa que vai ser comunicada. Isso deixa, em todos, grandes impressões e significados. E dá um parecer sobre a comunicação interpessoal, afirmando que “para aqueles que dela participam, toda a prática social que seja vitalmente social ou vitalmente compartilhada é por sua natureza educativa. Só quando lançada em um molde e tornada rotineira é que perde seu valor educativo” (DEWEY, 1979a, p. 6).

A experiência como uma relação recíproca, na qual “os corpos agem uns sobre os outros, modificando-se reciprocamente” (DEWEY, 1978, p. 13). Essas modificações duram a vida inteira, passando por processo evolutivo, levando em consideração a reflexão, o conhecimento e a reconstrução da experiência (DEWEY, 1978, p. 13). Com a experiência, fazendo parte da natureza, o sentido que, antes, era transitório e abstrato, passa a ser concreto. Um autor chamado Hart, comentado no livro *Vida e Educação* de John Dewey, fundamenta as nossas experiências em três tipos: o primeiro: são as experiências que, exclusivamente, temos ou que procuramos conhecer; muitas vezes, nem sabemos que as temos, pois que são fenômenos do mundo orgânico. Como exemplo, temos: “A criança que, ao nascer, começa a ter fome, sede, dor, bem-estar, mal-estar, *está tendo* experiências, muito antes de vir, a saber, que as *tem* e muito antes de vir, sem saber, o que elas *são*” (DEWEY, 1978, p. 15).

Nesse sentido, surge um segundo momento, no qual as experiências, que passam pela reflexão e são transformadas em conhecimento consciente, passam a ter um fator chamado inteligência que abre caminho para os “processos de análise, indagação de sua própria realidade, escolhe meios, seleciona fatores, refaz-se a si mesma” (DEWEY, 1978, p. 15). Por fim, as experiências como desejo de algo ainda desconhecido, mas cheio de previsões e de adivinhação. Graças à comunicação e à linguagem, as experiências desses três tipos formam a experiência humana que contém o necessário para dirigirmos as experiências atuais (DEWEY, 1978, p. 15).

Para Dewey o resultado da educação identifica-se muito com o processo contínuo de formar propósitos para se viver. Segundo ele, por meio das nossas experiências vividas, inteligentemente, que formam nossa vida,

devemos educar-nos na criação de propósitos com determinados objetivos e efeitos a serem realizados para o nosso desenvolvimento (DEWEY, 1978, p. 18).

Assim, a experiência educativa, que também é uma experiência inteligente e pensante no uso da sua reflexão, tem como resultado um vasto conhecimento natural que, em sua significação, dá um maior sentido à vida. John Dewey define a educação como: “processo de reconstrução e reorganização da experiência, pelo qual lhe percebemos mais agudamente o sentido, e com isso nos habilitamos a melhor dirigir o curso de nossas experiências futuras” (DEWEY, 1978, p. 17).

O processo de uma experiência dá-se na interação recíproca, entre a atividade e a capacidade de relação, entre a situação e o agente. Forma um novo agente e uma nova situação em que possa ser experimentada; mas se a experiência não ajuda a proporcionar uma reflexão consciente, entre o agente e a situação, tão pouco será também significativo para a vida humana. A experiência tem que oferecer instrumentos perceptivos para lidar melhor com a realidade, vivendo em um processo de aprendizagem.

FILOSOFIA E EDUCAÇÃO SOCIAL

A vida social traz muitas alegrias, como também dificuldades. Os fatos históricos influenciam na vida, como também crises e brigas, mesmo “a similitude dos problemas é com frequência mais uma questão de aparência do que de fato” (DEWEY, 1979a, p. 361). Os filósofos, perante estes fatos, mantiveram-se encobertos, por terem uma forma de linguagem diferenciada que conseguisse fazer alguma ligação com o que está acontecendo e com as verdadeiras dificuldades sociais da atualidade. Com John Dewey, estas questões estarão presentes no campo da filosofia e da educação, como sentido e significação da vida humana.

Os sistemas filosóficos cuidam de conflitos relacionados às dificuldades da vida social. “Os sistemas filosóficos que formulam estes problemas espelham as características e as dificuldades principais das práticas sociais contemporâneas”, (DEWEY, 1979a, p. 357).

Quem estuda a filosofia “por si mesma” corre sempre o perigo de tomá-la como um exercício de agilidade intelectual ou de severa disciplina - como coisa dita pelos filósofos que se refira só a eles. Mas quando as conclusões filosóficas são confrontadas com a espécie de disposição mental a que corresponde, ou com as diferenças que operam na prática educativa quando influem sobre ela, as situações que elas formulam nunca são as coisas remotas de nossa vista (DEWEY, 1979a, p. 362).

A filosofia não fica presa a ser simbólica, verbal, sentimental ou de simples dogmas arbitrários, a experiência pode trazer grandes contribuições nos valores da conduta. Atualmente, vemos as frentes populares inferindo considerações para a produção de uma nova mentalidade educativa. Estas considerações, filosoficamente, trazem certa satisfação aos aventureiros jovens que têm, à frente, um campo grande a conhecer, com sede de coisas novas. Estes meios, muitas vezes, não são sustentados por filósofos, mas por

peças que se afirmam portadoras da verdade. Assim, se o processo educativo insiste em prosseguir, firmando suas bases em pensamentos empíricos e rotineiros, a atividade educativa engrandecer-se-á de fatos passados, à procura de verdadeiros objetivos e métodos da atual realidade.

Ao Passarmos à filosofia popular, que já foi considerada como meio de aguentar as coisas, sem falar nada, por ser tranquila e generosa. A verdadeira intenção de determinadas situações, porém, é o aprendizado que o sofrimento ou o erro trazem. Isso não significa que a experiência não terá mais sentido ou função; pelo contrário, é uma oportunidade “de atingir níveis mais profundos de significação - penetrar abaixo da superfície e descobrir as relações de todos os acontecimentos ou objetos e apegar-se a elas” (DEWEY, 1979a, p. 359). A filosofia tenta compreender, reunindo os elementos do mundo e da vida, em particularidades, reduzindo-os a pequenos princípios últimos.

Cabe ao filósofo compromissado, aquele que tenta unificar a visão de experiência, completa e coerentemente, a tentativa de viver em si próprio o amor à sabedoria. A filosofia, quando levada a sério, era considerada o guia para o caminho do saber, além de direcionadora da vida⁴, e este mesmo direcionamento para vida é que leva a filosofia a se distinguir da ciência.

A ciência é conectada de fatos particulares e leis que influenciam na conduta, ditando o que pode ou não ser feito. A partir do momento em que a ciência não passa a se resumir somente nos fatos particulares e começa a querer abranger uma atitude geral, não pode ser chamada de ciência, mas filosofia, por tentar mexer com a conduta. Assim, a filosofia não poderá ser definida somente pelo objeto do conhecimento.

Muito se identifica o ato de pensar com a filosofia, mas, na verdade, o real sentido do pensar na filosofia “é pensar o que aquilo que é conhecido requer de nossa parte - qual a atitude de *co+respondência* que ele exige”. Vemos, aqui, que não é pensar coisas possíveis ou prováveis; é fazer uma análise e refletir possíveis métodos para poder ajudar, apontando soluções (DEWEY, 1979a, p. 359)

O lazer educacional é um dos métodos, apontados por Dewey, em que a filosofia pode manifestar meios ou conduzir energias que ajudem, futuramente, nas soluções de profundos problemas da vida. A filosofia da educação é o caminho para mostrar, abertamente, os problemas de como formar uma consciência de bons hábitos morais, perante a vida social atuante.

Já que “a educação é o processo da renovação das significações da experiência” (DEWEY, 1979a, p. 354), sua função social necessária é direcionar os aspectos gerais educacionais para uma preservação. Na educação, a experiência primeira é uma atividade ativa e passiva; “a medida do valor de uma experiência reside na percepção das relações ou continuidade a que nos conduz” (DEWEY, 1979a, p. 153).

“A reconstrução da filosofia, da educação e dos ideais e dos métodos sociais, caminham, assim, de mãos dadas” (DEWEY, 1979a, p. 364). Apesar de toda mudança, já discutida e feita sobre os princípios, ideias e sistemas filosóficos apontados, sabemos que ainda há a necessidade de novas reconstruções e métodos para uma boa filosofia da educação. Isso se deve porque a vida social continua passando por várias mudanças. Muitas vezes, está isolada de outras frentes sociais, se bem que deveriam andar juntas.

⁴ Dewey afirma que as antigas escolas filosóficas eram consideradas quase todas, modos gerais de viver organizados, de acordo com dogmas e regras estabelecidas, além de grande proximidade com a teologia da igreja romana na idade média (DEWEY, 1979a, p. 357).



EDIÇÃO 15 – 1º SEMESTRE DE 2013
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 30/06/2013
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/07/2013



EDUCAÇÃO E O MEIO ESCOLAR.

As reflexões sobre a teoria da educação deweyana, aqui analisadas, foram de grande valor, em especial, a restauração do equilíbrio entre a educação não formalmente expressada com a recebida da vida e a educação escolar, fazendo com que a aprendizagem fosse algo retirado, diretamente, da experiência e da escola social da vida.

A escola deve ser um lugar que esteja voltado para a crescente educação intelectual do indivíduo, formando uma comunidade dentro de outra comunidade. De maneira alguma, deve pressionar a criança ou jovem a algo que não fuja da sua realidade vivida ou a uma educação confinada em si mesma.

O processo de crescimento do indivíduo⁵ desenvolve-se pela reorganização e reconstrução da experiência, por meio de um processo em que a atividade educativa vem em resposta aos estímulos do organismo e do meio ambiente em que vive. A direção de nossas atividades é fornecida pelo meio social que determina o rumo das condições boas e ruins do processo educativo. Contudo, é o indivíduo quem dá as respostas das tendências existentes em si (DEWEY, 1978, p. 21-2).

Se olharmos bem podemos encontrar, no meio social, duas formas de observarmos nossas atividades, como mecanismo controlador. Primeiro, pelo treino, uma conformação, de certa modo, incompleta de se educar que implica na formação e no seguimento de hábitos em meio a práticas, impedindo o indivíduo de externar os seus próprios hábitos. Depois, pela educação, que deve levar a pessoa a externar o seu interior, seja qual for o sentimento, dando um sentido à educação como social, por agir de um modo comum (DEWEY, 1978, p. 23).

Com relação à linguagem, a experiência pode ser a mais ampla como a mais resumida possível, mas o seu caráter, como reconstrutiva, permite que a compreensão seja mútua, em seu sentido, em relação a todos. Assim, a experiência segue a função de ampliar a linguagem educativa.

A palavra cadeira, por exemplo, é aprendida depois que a criança experimentou e usou o objeto cadeira. Passa, então, essa palavra a representar-lhe, condensadamente, tudo aquilo que significam as suas experiências com relação à cadeira (DEWEY, 1978, p. 23).

Sabemos que a finalidade da educação é fazer com que a pessoa chegue a um nível considerado adulto, operando ideias, lógica e conhecimentos. Como também ajuda a fazer parte de um grupo social, na qual as ideias passam a ter sentido entre os seus membros. Com isso o papel da escola é fazer o possível, para que o aluno faça uma boa reconstrução das experiências passadas, pela linguagem, para que as experiências presentes sejam bem sucedidas.

Indivíduo e sociedade são fatores que andam juntos, no processo educativo. A sociedade e a escola devem favorecer base para que o indivíduo construa sua própria personalidade. O indivíduo-criança, no pensamento de Dewey, é a porta de abertura para o mundo social, para o aprendizado e para a continuidade da vida e o quanto ela tem um papel primordial para a escola e para o ensino.

⁵ No processo educacional, John Dewey, caracteriza o sujeito indivíduo como uma criança devido o fator de aprendizagem e grande crescimento educacional que sofrerá durante um longo período de sua vida.



EDIÇÃO 15 – 1º SEMESTRE DE 2013
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 30/06/2013
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/07/2013



Sabendo que o homem tem capacidade de aprender, ou seja, de guardar as experiências vividas, para formar experiências futuras, aprender faz o homem crescer, permitindo-lhe uma educação indefinida. Assim, partimos com um pressuposto que o homem tem certa imaturidade, não pelo lado pejorativo, mas como força impulsionadora para o desenvolvimento, presente na fase infantil, em que se desenvolve, usando a atualidade como experiência para um futuro melhor.

Então aprender passa a ser um modo de adquirir hábitos, ou seja, o homem passa a ter uma assimilação rigorosa do meio externo, tornando-se produto de educação e reeducação de vida. Também sabemos que existem maus hábitos, que acabam impedindo o indivíduo de exercer a sua capacidade de aprender e mudar os seus atos.

Toda essa discussão mostram que a educação não se resume em uma simples preparação para a vida, mas na própria vida, que é impulsionada a sempre crescer. Logo o processo educativo não tem nenhum fim a não ser em si mesmo, que é educar e proporcionar nova educação num “processo de contínua reorganização, reconstrução e transformação da vida” (DEWEY, 1978, p. 31).

Dewey comenta que toda teoria educacional exposta sobre a contínua reconstrução da experiência é aceita e buscada, exclusivamente, pelas sociedades de formação democrática e progressiva que participa dos interesses de uma maior liberdade e solidariedade social (DEWEY, 1978, p. 31).

EDUCAÇÃO TRADICIONAL E EDUCAÇÃO NOVA OU PROGRESSIVA

Veremos, conforme o pensamento de John Dewey e de seus comentadores, como se deu a educação tradicional, seu sistema, método e relação com o sistema educacional progressista que, segundo Anísio Teixeira e Marcus Vinícius da Cunha, trouxe uma problemática mais séria, com relação ao professorado, do que a escola tradicional. Posteriormente, enfocaremos, de forma bem sucinta, como Anísio Teixeira adotou o pensamento de John Dewey e seu método de acordo com as circunstâncias do Brasil.

A filosofia da educação, comentada por John Dewey, tem em suas reflexões histórico-filosóficas boas discussões sobre a idéia de educação, com relação ao desenvolver-se de dentro para fora, como também em se formar de fora para dentro. Essas afirmações acabam sendo baseadas pelos dotes naturais que cada um tenta superar, nas inclinações naturais que tem e que, muitas vezes, são substituídas por hábitos exteriores (DEWEY, 1979b, p. 3).

As divergências de praticidade escolar, entre a filosofia tradicional e a nova filosofia, objetivando que o conteúdo educacional seja composto por informações e habilidades que, no passado, foram elaboradas e no presente, são transmitidas como conceito, mostra que a organização educacional da escola era composta, tendo por base o relacionamento do aluno com o professor e com os outros colegas. Isso tudo com modos diferentes em cada sistema educacional, ambos aspirando a uma preparação para uma vida bem sucedida e responsável (CUNHA, 1994, p. 78).

Dewey mostra que os padrões da escola tradicional “consistiam de matéria selecionada e organizada, na base do que julgaria o adulto ser útil ao jovem em algum tempo do futuro [...] independente e fora da experiência de vida do aluno”; era centralizada em uma sala de aula. De certo modo, ele faz uma crítica a esta escola, por

seus métodos não corresponderem com as necessidades atuais, devido ao descontentamento educacional, que estava necessitando de novas respostas (CUNHA, 1994, p. 78-9).

O processo de aprendizagem e conhecimento, na escola tradicional, era feito por meio de livros e na transmissão oral das pessoas mais velhas, como se fosse um conhecimento já acabado. Neste caso, a escola tradicional acaba criando uma relação de poder, feita de cima para baixo, ou seja, hierárquico, impedindo a liberdade da aprendizagem, mas continua sendo uma fonte de conhecimento.

Como a educação tradicional baseava-se em uma organização, já feita e acabada, o saber filosófico era feito à base de “isto ou aquilo” (DEWEY, 1979b, p. 9), diferenciando a pessoa madura da imatura. Se olharmos para uma educação que se baseava na experiência pessoal de seu tempo, não teremos o que criticar a respeito da escola tradicional, mas como o tempo requer mudanças em tudo que está em sua volta, os sistemas educacionais, também, passam por mudanças, algo que a educação tradicional não conseguiu acompanhar.

A ideia fundamental, com relação à filosofia da educação progressiva, está na ligação necessária, ocorrida nos processos de nossa experiência real e de educação, ou seja, a nova educação, na vida, passa a ser uma expressão de personalidade e sinônimo de liberdade, acontecendo a experiência como uma ideia viável e clara.

A escola progressiva veio, como resposta aos problemas encontrados na escola tradicional, não quer dizer que ela seja perfeita. Ela também, pode suscitar problemas mais graves e profundos que batem de frete com os objetivos da filosofia, da nova educação e da atualidade. Em meio a várias incertezas, porém, a educação e a experiência pessoal mostram o comprometimento da nova filosofia de educação, de um modo aparentemente empírico e experimental, ajudando a fazer uma revisão em seus conceitos para que a sociedade possa dela bem usufruir.

Nem toda experiência é educativa, apesar dos termos se equivalerem.

Uma experiência pode ser tal que produza dureza, insensibilidade, incapacidade de responder aos apelos da vida, restringindo, portanto, a possibilidade de futuras experiências mais ricas. Outras poderão aumentar a destreza em alguma atividade automática, mas de tal modo que habitue a pessoa a certos tipos de rotina, fechando-lhe o caminho para experiências novas (DEWEY, 1979b, p. 14).

Há experiências, geralmente, estimuladas por hábitos⁶, que representam uma fuga de si próprio; outras são educativas, por trazerem qualidades da experiência que passam pela vida a todo o momento e estas qualidades dividem-se em dois aspectos: o “imediate de ser agradável ou desagradável e o mediato de ter sua influência sobre experiências posteriores” (DEWEY, 1979b, p. 16).

Ao passar essas qualidades para educação, veremos que as coisas imediatas são de fáceis considerações, por trazerem consigo reflexão do próprio indivíduo. Já o mediato pode trazer certa dificuldade para o educador, pois ele tem que fazer frutificar as experiências futuras, dando um real significado para o presente, sem desconsiderar o passado e o indivíduo.

Conforme Dewey, a escola tradicional pode existir sem nenhuma filosofia da educação, vivendo da cultura, das disciplinas, dos hábitos e de outros. Já a escola progressiva não se apoia nem em tradições, nem em

⁶ Os hábitos conseqüentemente pode deixar o futuro incapaz de controlar as experiências, por agir por mero prazer ou outras reações emocionais, que envolvem o domínio de si mesmo (DEWEY, 1979b, p. 15).



EDIÇÃO 15 – 1º SEMESTRE DE 2013
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 30/06/2013
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/07/2013



hábitos. Pode até deixar se conduzir por acasos e por ideias, mas que tenha um suporte coerente que ajude a levar a uma filosofia de educação (TEIXEIRA, 1950, p. 9-11).

Como nenhuma experiência tem um sentido voltado para si mesma e sim, para novas experiências, o problema da educação apresenta-se como algo que busca algumas das experiências presentes, que ajudarão a frutificar as experiências posteriores. A aplicação disso, na escola, alvo de alguns comentários educacionais de Dewey, mostra que ela é um suporte que dá uma característica à sociedade, mas não a responsável pelo espírito da sociedade. Claramente, vemos isso com Anísio Teixeira, ao incorporar o pensamento educacional de John Dewey no ensino brasileiro (TEIXEIRA, 1950, p. 14-6).

CONTINUAÇÃO E INTERAÇÃO

A continuação⁷ e interação experimental é um princípio que ajuda a perceber as diferenças que existem entre as experiências que são de valor educativo e as que não têm valor educativo. Contudo serve de exemplo para esclarecermos a crítica da educação tradicional que, de uma forma ou de outra, se afirma detentora do saber e das formas de saber absoluto, diferente da educação progressiva, que usa de um saber democrático, em que todos estão de igual para igual e exercem os mesmos poderes e ajudas.

Por que democrático se, automaticamente, (nela) está implícito um método? Talvez porque, sempre, ouvimos dizer que a democracia é a melhor das possíveis formas de governar. O meio democrático, a que John Dewey se refere, possibilita melhores qualidades de experiência humana, na pessoa. Segundo ele, é “a razão última da aceitação do movimento progressivo, devido aos seus fundamentos humanos e democráticos, está no fato de se haver feito uma discriminação entre valores inerentes a diferentes espécies de experiência” (DEWEY, 1979b, p. 25).

O conceito de continuidade, no ramo biológico, terá o sentido de um hábito, aquele que faz com que a experiência desenvolva alterações no agente e nas próximas experiências. O hábito em sua concepção está inteiramente ligado na construção de atitudes emocionais e intelectuais, que ajudam a encontrar respostas para as diversas situações da vida. Assim, a continuidade de experiência baseia-se em pegar as experiências passadas, transformando-as em experiências seguintes. Como exemplo, temos o processo educativo que está em constante crescimento, como um processo de desenvolvimento, como um princípio de continuidade (DEWEY, 1979b, p. 26-7).

Em meio às experiências educativas e deseducativas, Dewey utiliza a continuidade como suporte para diferenciá-las.

[...] uma criança que aprende a falar tem novas facilidades e novos desejos. Mas, também, se alargam as condições para aprendizagens subsequentes. Ao aprender a ler, um novo meio igualmente se abre para as suas oportunidades. Se alguém decide a ser mestre, advogado, médico, ou corretor, quando põe em execução seu propósito limita, necessariamente, deste modo, o ambiente em que irá atuar no futuro. Faz-se

⁷ Termo continuidade, John Dewey o chama de *continuum* experiencial (DEWEY, 1979b, p. 23).



EDIÇÃO 15 – 1º SEMESTRE DE 2013
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 30/06/2013
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/07/2013



mais sensível e receptível a certas condições e relativamente imune a outras circunstâncias do meio que lhe seriam estimuladoras, fosse outra a sua escolha (DEWEY, 1979b, p. 28).

A experiência é uma força impulsionadora, que abre portas o novo e assim novas experiências e a continuidade de alguma maneira acaba influenciando o “*modo*” de como essas experiências se aplicam. O educador, nesta perspectiva, é alguém que por deter maturidade de experiência, auxilia o educando a realizar boas experiências. Mas ambos estão em processo de amadurecimento, ou seja, a cada experiência vivida, o educador e o educando tornam-se aprendizes, fazendo acontecer um sistema educacional baseado em uma experiência de vida.

A continuação e a experiência não são forças somente interiores. Existe um lado prático que influencia na formação de atitude, de desejos e de propósitos. Ajuda a mudar as condições objetivas, pelas quais outras experiências passam, como “a existência de estradas, meios de rápido movimento e transporte, ferramentas, máquinas, casas, equipamentos, luz e força elétrica, são ilustrações” (DEWEY, 1979b, p. 31). Formam resultados da experiência objetiva, por meio de atividades humanas anteriores à estruturação de um conceito sobre corpo e mente. Dewey exemplifica com os modos do bebê:

As necessidades da criança, de alimento, descanso e atividade, são certamente primárias e decisivas em certo respeito. A criança tem de ser alimentada, tem de ter condições adequadas para dormir, etc. Mas, isto não significa que o bebê deva ser alimentado todo momento que estiver aborrecido ou indisposto, de modo a não se poder ter programa de horas regulares para alimentação, sono, etc. A mãe tem em conta as necessidades do bebê, mas não de modo a dispensar a sua própria responsabilidade em regular as condições objetivas em que as necessidades são atendidas. E se for mãe esclarecida a este respeito buscará, no saber do passado com os pediatras e em sua própria experiência, luz para se orientar quanto às experiências mais conducentes ao desenvolvimento normal do bebê. Em vez das condições objetivas estarem subordinadas às imediatas condições internas da criança, são elas definitivamente ordenadas de modo que à espécie particular de *interação* com os estados imediatos internos se processe normalmente (DEWEY, 1979b, p. 34)

Aparentemente a educação tradicional ignorava todos estes fatores de familiaridade objetiva e social, adquiridos pela experiência de vida. Para ela o mais importante era ter uma sala de aula com cadeiras, quadro negro e caderno para a educação ter a sua continuidade e não uma educação em que a continuidade vai de encontro a estabelecer valores educativos.

Juntamente com o princípio de continuidade, Dewey vem trazer um outro princípio educativo, chamado interação, que ajuda a determinar a função educativa e atribuir as condições igualitárias aos fatores da experiência. Isso significa que o indivíduo, com uma série de situações, decorrentes do meio em que vive, formado por condições e necessidades da vida, entrará em contato consigo mesmo, com outros indivíduos e com os objetos, formando uma personalidade (DEWEY, 1979b, p. 37).



EDIÇÃO 15 – 1º SEMESTRE DE 2013
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 30/06/2013
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/07/2013



Assim, o princípio de continuidade, na educação, leva em consideração o desenvolvimento gradual do processo educativo, fazendo com que o princípio de interação forneça suportes para identificar a falta de adaptação da matéria e das capacidades dos indivíduos que criam uma experiência não-educativa.

Na educação continuada, a preparação para a vida futura tem um sentido pejorativo, mas para Dewey a ação educativa visa a uma preparação para as circunstâncias futuras, por meio do empenho de habilidades que serão usadas, no futuro. A verdadeira preparação, na formação educacional, segundo Dewey, deve dispor a pessoa com as presentes experiências que tem. Não terá sentido preparar-se para o longo futuro, se no mesmo futuro irão ocorrer as verdadeiras preparações no momento certo, já que “o presente afeta o futuro”. Assim, os planos e projetos educativos, baseados em uma experiência de vida, serão realmente viáveis se houver uma preparação inteligente que permita uma ação experiente (DEWEY, 1979b, p. 42-5).

A interação e a continuação são dois princípios fundamentais, na constituição do fenômeno experiência e na identificação dos problemas educacionais. A base de fundo é a questão da liberdade individual e o controle social, à qual Dewey conclui que “o controle das ações individuais é efetuado pela situação global em que os indivíduos se acham envolvidos e em que participam e atuam como partes componentes e cooperativas” (DEWEY, 1979b, p. 48).

O outro lado do controle social – exterior e interior - é a liberdade de inteligência, para que haja um contínuo crescimento. Sem a liberdade, o professor não conhece mais com quem está lidando, o “parecer se antepõe a ser”. Haverá, sempre, algo que vai impedi-lo de ver o aluno, com a sua verdadeira natureza. Então se centraliza em um ensino mecânico, sem a possibilidade de se compreender a individualidade do aluno (DEWEY, 1979b, p. 60-1).

O silenciar-se a intelectualidade, na escola tradicional, acaba sendo um fator não-social e usada até na atualidade para a fuga frente a desorganização que passamos. Movimentar-se, evitando a interação, era tido como algo que atrapalhava o ensino, mas movimentar-se para Dewey representa uma saúde física e mental, além de uma liberdade e direito do indivíduo, uma liberdade de ação dos propósitos tomados (DEWEY, 1979b, p. 62).

Uma das finalidades da educação é formar uma capacidade de auto dominar-se. A pessoa, que estiver tomada por impulsos e desejos, acredita que toda sua formação seja fundamentada pela inteligência de um autogoverno no comportamento, como na verdade pensa que consegue comandar alguma força, não passando de uma ilusão de liberdade.

A participação do educando, no processo de aprendizagem e nos propósitos norteadores de suas atividades é um ponto que fica bem clara ao tratarmos sobre a educação. Aqui, o propósito é impulso, um resultado de ações, ocasionado por dificuldades que se transformam em desejos. Os impulsos e desejos acabam resultando em propósitos. Essa observação não tem valor algum se a sua significação não for compreendida como resultado de uma ação. Exemplifiquemos:

Uma criança vê o brilho de uma chama e se sente atraída (impulso) para tocá-la. A significação da chama não é, então, o seu brilho, mas seu poder de queimar, como consequência do ato de tocá-la. Só podemos ter consciência, conhecer as consequências devido a experiências anteriores. Em casos comuns, devido a muitas experiências anteriores, não há que parar para lembrar quais foram essas experiências. A chama passa a significar luz e calor, sem que tenhamos de pensar



EDIÇÃO 15 – 1º SEMESTRE DE 2013
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 30/06/2013
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/07/2013



expressamente em prévias experiências de calor e queimadura (DEWEY, 1979b, p. 67).

A educação continuada e de interação entra, neste ponto, tentando remediar as ações impulsionadas por desejos, para que as atividades não tenham um fim em si mesmo; deve-se priorizar a atividade inteligente. Assim os desejos podem ser convertidos em propósitos, e os propósitos em instrumento para montagem de um plano de ação.

Com a educação tradicional, o professor é considerado uma pessoa que tem muitas experiências, mas isso não significa que os alunos não consigam reconhecer nele uma fonte de sugestões. O professor não dará sugestões para prejudicar o conhecimento dos que estão no processo de aprendizagem, mas contribuirá e receberá, reciprocamente, utilizando os meios de comunicação e inteligência social.

Receber uma educação de base, na experiência, é utilizar todos os recursos disponíveis, em termos de matéria, como a matemática, a física, a química, a história; no geral, todas as ciências naturais, derivadas da experiência de vida comum. Tais recursos devem levar o aluno a ir de encontro à aprendizagem, presente na experiência. Posteriormente, o que foi experimentado trará à pessoa um aspecto global e profundo do saber adquirido.

A continuidade de experiência não proporciona a pessoa somente novas experiências; as experiências anteriores têm um grande peso na vida. Na escola, o educador pode usar esta experiência existente, para provocar novos problemas, mas que possa levar a novas experiências e a uma visão voltada para o futuro, considerando seus atos presentes.

Contextualizando, no geral, Dewey não se posiciona contra ou a favor à educação progressiva ou à tradicional, mas sim, a uma organização que seja a favor e mereça ser chamada de educação, simples e pura (DEWEY, 1979b, p. 97).

No que se refere à organização, não existe nenhuma atividade inteligente, se não é aplicada ao princípio de “causa e efeito”. A relação de causa é empregada na relação do meio e na sua conseqüente finalidade, o efeito. A atividade terá um cunho de inteligência, se estiver em meio a disposições que levem a determinados propósitos.

Devemos confiar nas potencialidades de uma educação inteligente, presente na experiência da vida individual. O seu grande medo é que errem na definição adequada da concepção da experiência e do método experimental. No entanto pode-se ocorrer falha, no processo de aprendizagem individual, principalmente, se os educadores não se mantiverem fiéis na prática que adotam, com a mentalidade de que tudo seja fácil. Isso pode gerar o grave problema de não levar, a sério, o processo de aprendizagem e de que tudo pode ser improvisado.

Considerações Finais

Perante toda nossa discussão e análise, feita sobre a filosofia da educação, com a abordagem de fundo nos comentários filosófico-educacionais de John Dewey, obtivemos, como visão geral sobre o pensamento do



EDIÇÃO 15 – 1º SEMESTRE DE 2013
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 30/06/2013
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/07/2013



autor, uma práxis experimental, como fator educativo que é visto somente como uma vasta “matéria de estudo”, de informações e de ideias, e não como um meio termo que acompanha a evolução e a revolução tecnológica da vida, re-significando a compreensão de mundo e apontando novas propostas de uma educação alicerçada sobre um ideal democrático e social.

Sucintamente, podemos afirmar que a educação era uns dos meios de maior apreciação social, idealizada como um instrumento que integrava o reto agir de cada indivíduo. Com isso a necessidade de se pensar uma filosofia voltada à educação brasileira, buscando reconstruir, nos mais diversos meios sociais, o interesse de se formar um moderno sistema articulado de uma educação democrática, passou a ser elemento importante, uma forte injeção de ânimo para que a educação fosse repensada para o bom êxito do projeto das políticas públicas brasileiras. E mesmo que, aparentemente, suas ideias não estivessem bem explícitas, elas estavam ressonadas em muitas práticas experimentais, concretizadas na educação na esperança de ver uma educação que realmente forme homens conhecedores.

REFERÊNCIAS

- ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. 4 ed. trad. Alfredo Bosi e rev. da trad. Ivone Castilho Benetti. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- CUNHA, Marcus Vinicius da. *John Dewey: Uma filosofia para Educadores em sala de aula*. São Paulo: Vozes, 1994.
- DELACAMPAGNE, Christian. *História da Filosofia no século XX*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar (Editor), 1997.
- DEWEY, John. *Democracia e educação*. 4 ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1979a.
- _____. *Experiência e educação*. 3 ed. São Paulo: Nacional, 1979b.
- _____. *Reconstrução em filosofia*. 2 ed. São Paulo: Nacional, 1959.
- _____. *Vida e educação*. 10 ed. São Paulo: Edições Melhoramento, 1978.
- INSTITUTO ANISÍO TEIXEIRA (Centro de Aperfeiçoamento de Professores). *Traços Biográficos*. Disponível em: <http://www.sec.ba.gov.br/iat/videoconferencia/videoconferencia_pop_up.asp>. Acesso em: 07 out. 2008.
- LOURENÇO FILHO, M.B. *Introdução ao estudo da nova escola*. São Paulo: Melhoramento, 1978.
- PITOMBO, Maria Isabel Moraes. *Conhecimento, valor e educação em John Dewey*. São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1974.
- TEIXEIRA, Anísio. *Educação progressiva (introdução à filosofia da educação)*. 3.ed. São Paulo: Nacional, 1950.
- _____. *Filosofia e educação*. Rio de Janeiro: Nacional, 1960.